

ANO NOVO

(Especial para o "Correio do Povo")

Gustavo Corção

Ora cá estamos nós, são e salvos, naquele ponto convencional da órbita que costuma separar um ano caduco de outro recém nascido. Quem já deu muitas voltas, nesse bambolê sideral, perde um pouco a noção das cronologias, engana-se com facilidade em dez ou vinte anos. O fato é que cada um de nós deixou na memória do espaço um sulco helicoidal que não deixa de ter sua beleza e sua grandeza. A maré de vida que vem da terra e volta à terra, sob a ação muito masculina do sol, nos teve erectos, separados do limo, destacados da rocha, com pernas autónomas, com essa altivez própria do vivo, que esquece o ciclo que vem da terra e volta para a terra. E se levarmos em conta a cidade em que vivemos, ou em que vivo eu, então, querido leitor, o fato de termos chegado a este ponto da órbita se reveste de uma suplementar grandeza.

—[0]—

Lembro-me bem da primeira vez que observei, numa revista ilustrada, creio que no Malho, a figura que representava o ano velho por um ancião alquebrado e o novo por um bambino. Com quatro anos de idade tinha ainda na memória alguma coisa do último aniversário, e isto bastou para me despertar a estranheza por aquele símbolo que tão depressa envelhecia um ano. Não sei com que palavras, com que sintaxe, mas lembro-me que julguei falso ou exagerado o desenho, e que isto me deixou por muitos dias inquieto. Hoje, aos sessenta e dois volto a achar impróprio o símbolo. Os anos não envelhecem, os anos morrem todos na flor da idade, são assassinados como os inocentes que Herodes mandou degolar. Mas não vamos nós agora dissertar sobre a brevidade do tempo...

Quem não deve estar muito satisfeito com a brevidade dos anos é o sr. Juseelino Kubitschek. Ele disse que muda a capital em abril de 1960, e falou em começar com 30.000 funcionários. Eu digo que não muda, e aposto com quem quiser. Recebi cartas de um brasileiro exaltado que me cobriu de injúrias por causa de minha descrença na NOVACAP. Ora, eu já já disse e torno a dizer que aceito apostas, desde que se especifique claramente o que quer dizer mudança de capital.

—[0]—

Alem daquela descompostura por causa de Brasília, recebi outras em termos mais crus por causa do que disse do general Craveiro Lopes. Em artigo de dois meses atrás, já não me lembro a que propósito, chamei de "fantoche" e de "sabujo" o mencionado general. Veio o mundo abaixo, isto é, veio abaixo o pequeno mundo do "Semanário da Comunidade Lusíada", que estampou em letras garrafais o seu protesto: "Insulto a Craveiro, Insulto a Portugal, In-

sulto ao Brasil", e depois, em letras em pouco menores, esta proposição onde já se encontra um vestígio de raciocínio: "Marechal da Aviação Portuguesa, Ex-Presidente da República, não pode ser sabujo". Ora, meu caro Semanário, eu acho que pode. E porque não há de poder? Querem então os amigos me inculcar a patranha pela qual a aviação portuguesa ou o exército português sejam os únicos do mundo a não terem sabujos ou fantoches em suas fileiras? Vejam os amigos os exageros a que podem chegar os cortejadores dos governos! Cravamos, pois, a idéia universal: um homem pode ser general, presidente ou rei, seja lá onde for, sendo ao mesmo tempo um patife. O poder mais depressa corrompe do que purifica, meus amigos da comunidade lusíada. Estamos de acordo sobre a idéia geral? Passemos então ao caso particular. E aqui se torna um pouco mais fino o raciocínio e mais difícil o argumento. Quero apenas dizer-lhes que considero (digamos como artigo de fé) anti-humano, insultoso à humana dignidade, o governo que amordaça a opinião pública. E é dentro dessas premissas, visando como colaborador de tão triste façanha, e não como homem íntimo, que torno a dizer que o sr. Craveiro Lopes é um sabujo e um fantoche. E quem insultou Portugal não fui eu. Foi o salazarista que me telefonou, aflito, chamando-me de excelência, para me convencer de que o povo de Portugal precisa daquilo que lhe dá Salazar. "Vossa Excelência não conhece o povo português..." dizia-me o salazarista, na aflição de converter-me.

—[0]—

Alem das descomposturas em vernáculo, e na gíria, fui agraciado com descomposturas em italiano vindas de São Paulo da Tribuna Italiana. Em artigo sobre o desarmamento infantil eu reclamei contra a indecente publicação da Vida do Duce feita no "Cruzeiro", e bastou isto para que o jornalzinho fascista se erguesse para morder-me. Fico então sabendo que alem da esquistossomose no nordeste, temos um renascimento fascista em São Paulo. E se julga tão firme em seus direitos que já não quer admitir que alguém no país tenha memória e torne dizer o que sempre dizia, há dez anos, há quinze anos, quando os dois malfeitores assassinavam milhões de moços, quando mais particularmente a figura grotesca de Mussolini representava bem a vergonha por que passou a nação italiana durante a guerra. A esses senhores da Tribuna Italiana que querem reabilitar Mussolini, sugiro que também reabilitem Hitler, que arranquem um pedestal para Himmler, para o dr. Boebes, e para todos os carrascos do Fascio e do Reich, para os gauleiters, para os comandantes dos campos de concentração. E aconselho que mandem uma comissão de neofascistas

a Estocolmo, ou a Paris, onde estiver o padre Pire e onde estiverem os que lhe deram o prêmio, e que façam sentir que a idéia de dar o nome de Ana Frank à aldeia a ser construída com o prêmio Nobel é ofensiva à memória de Benito Mussolini.

—[0]—

Mas não só de descomposturas vive o jornalista. Recebi também uma boa razão de elogios, de abraços, de sinais de amizade, de votos de boa saúde. Recebi uma carta muito bonita e muito engraçada de um amigo desconhecido que me mandou este recado: "Não vá nos morrer, homem". Não morri, para agradar aos amigos e a mim mesmo, mas não posso manter indefinidamente este propósito.

Aproveito este canto do jornal e este momento do planeta para agradecer de todo o coração a todos os amigos que me encorajam de longe, que me enviam carinhos e que têm a paciência de não me levar a mal a falta de resposta. Não reparem, pelo amor de Deus! E boas festas, boas festas!